

Jade Percassi

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp
E-mail: jade@alumni.usp.br

Vanessa Sígolo

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp
E-mail: vanessa.sigolo@alumni.usp.br

Pedro Arantes

Universidade Federal de São Paulo - Unifesp
E-mail: pedro.arantes@unifesp.br

Maurício Moura

The Graduate School of Political Management – GSPM
E-mail: mjmoura@gwu.edu

Débora Foguel

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
E-mail: foguel@bioqmed.ufrj.br

Soraya Smaili

Universidade Federal de São Paulo - Unifesp
E-mail: ssmaili@unifesp.br

Arthur Chioro

Universidade Federal de São Paulo - Unifesp
E-mail: arthur.chioro@unifesp.br



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito exclusivo de utilização ou reprodução
ISSN: 2175-8689

Universidades públicas na mira bolsonarista: Doutrinação, Balbúrdia e Cotas na Guerra Cultural da extrema-direita

Public universities in Bolsonaro's target: Indoctrination, Bluster and Affirmative Quotas in the Far Right's Culture War

Las universidades públicas en el punto de mira de Bolsonaro: Adoctrinamiento, jaleo y cuotas en la guerra cultural de la extrema derecha

RESUMO

O artigo analisa resultados de pesquisas sobre percepção pública sobre o papel das universidades públicas brasileiras no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Diante de um contexto de crise sanitária e social, marcado por um governo que assumiu um discurso negacionista e impôs desmontes às políticas públicas, como às áreas da educação superior e pesquisa científica, os estudos indicaram elevado desconhecimento da população sobre a atuação das universidades públicas, locus central da produção de conhecimento no país. Por meio da análise de levantamentos nacionais de opinião pública, grupos focais e redes sociais digitais, busca-se investigar a percepção pública sobre o papel das universidades na sociedade e as narrativas que emergiram no período pandêmico, conformando redes de propagação de negacionismo e ataques difamatórios às universidades públicas.

PALAVRAS-CHAVE: *Percepção pública; Guerra cultural; Negacionismo; Universidades públicas; Redes sociais digitais.*

ABSTRACT

The article analyzes research results on public perception of the role of Brazilian public universities in coping with the Covid-19 pandemic. Faced with a context of serious health and social crisis, marked by a government that assumed a denialist discourse and imposed cuts and dismantling of public policies, including those aimed at the areas of higher education and scientific research, the studies indicated a high lack of knowledge of the Brazilian population about the performance of public universities, the central locus of knowledge production in the country. Through the analysis of national public opinion surveys, focus groups and digital social networks, we seek to investigate the public perception of the role of universities in society, as well as the narratives that emerged in the pandemic period, forming networks of propagation denialism and defamatory attacks on public universities.

KEYWORDS: *Public perception; Culture war; Denialism; public universities; Digital social networks.*

RESUMEN

El artículo analiza los resultados de una investigación sobre la percepción pública del papel de las universidades públicas brasileñas en el enfrentamiento a la pandemia de la Covid-19. Ante un contexto de crisis sanitaria y social, marcado por un gobierno que asumió un discurso negacionista e impuso el desmantelamiento de políticas públicas, como en las áreas de educación superior e investigación científica, los estudios señalaron una alta falta de conocimiento de la población sobre el desempeño de las universidades públicas, locus central de producción de conocimiento en el país. A través del análisis de encuestas de opinión pública, grupos focales y redes sociales digitales, buscamos investigar la percepción pública sobre el papel de la universidad en la sociedad y las narrativas que surgieron en el período, formando redes de propagación del negacionismo y ataques difamatorios a las universidades públicas.

PALABRAS CLAVE: *Percepción pública; Guerra cultural; Negacionismo; Universidades públicas; redes sociales digitales.*

Submetido em 07 de março de 2023

Aceito em 01 de novembro de 2023

Introdução

A pandemia de Covid-19 ao ser declarada no início de 2020 o Brasil era comandado, no âmbito federal, por forças da extrema-direita, que logo se mostraram alinhadas a movimentos internacionais negacionistas, antivacinas e da *alt-science*, que atuam em nome da *liberdade* irrestrita, de expressão, de escolha, de empreender, de portar armas, e até de se vacinar ou não (Nunes, 2022; Cesarino, 2022). Há diversos indícios de que o agravamento da crise sanitária e do número de internações e óbitos, como apontam estudos de centros importantes de saúde coletiva do país, resultaram da má condução do governo federal e das manifestações públicas de Bolsonaro e seus apoiadores, contribuindo para ampliar o tamanho da tragédia. O enfraquecimento da capacidade de coordenação nacional do Sistema Único de Saúde (SUS), de articulação de políticas e programas de saúde e a fragilização da autoridade sanitária nacional resultaram em uma resposta débil à pandemia, e na desestruturação de políticas e de programas exitosos, como o Programa Nacional de Imunizações, Atenção Básica, Mais Médicos, DST-Aids, Saúde Mental, Indígena, da Mulher, Farmácia Popular, entre outros (Chioro, 2023).

Os enfrentamentos em torno da ciência foram muito além da questão sanitária, tornando-se elemento relevante e mesmo decisivo da política brasileira, por pelo menos dois anos. A criação de discursos paralelos sobre ciência pelo governo federal se configurou como um projeto, e implicou na produção e difusão em massa de teses e práticas controversas em relação a consensos científicos validados. Os ataques deslegitimaram e diferenciaram campos do saber, envolvendo também disputas históricas internas às ciências, sobre as fronteiras do conhecimento científico e, em especial, o reconhecimento da relevância das ciências humanas e sociais. Foram produzidas e disseminadas teses negacionistas, revisionistas e de *alt-science* (ou mesmo *fake-science*), que provocaram impactos diretos no comportamento e saúde de milhões de pessoas (Nunes, 2022; Cesarino, 2022). Ao mesmo tempo, esses discursos, práticas, normativas, prescrições associaram-se com a extração de vantagens por parte de grupos políticos e econômicos interessados em ganhos privados (Duarte; Cesar, 2020).

Apesar da ofensiva declarada do chefe de Estado (apenas em 2020, foram identificadas mais de 600 declarações falsas ou distorcidas de Bolsonaro sobre a Covid-19¹), levantamentos nacionais de opinião pública do Centro de Estudos SoU_Ciência², da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), realizados a partir de agosto de 2021, indicaram que a maior parte da sociedade brasileira estava em busca de informação confiável, com apoio da mídia tradicional e alternativa, universidades e cientistas. À época, definiu-se como uma *onda pró-ciência* em tempos de negacionismo; resistência social, emocional e cognitiva à voz de comando do então presidente e de seu governo (Sígolo *et al.*, 2023).

Em agosto de 2021, o levantamento do SoU_Ciência identificou que apenas 8,8% da população confiava no que o presidente falava sobre a pandemia. Pesquisas divulgadas na mídia no período indicavam que sua popularidade havia desabado em 6 meses, de 31% de avaliações ótimas e boas para apenas 19%³. Os dados também apontaram que a adesão à vacinação era massiva, com 94,5% da população acima de 16 anos declarando que já tinha tomado a primeira dose ou que pretendia receber a vacina (nos EUA, a rejeição era de 20%, segundo pesquisa Gallup de julho de 2021⁴). Outros números do levantamento de agosto de 2021 demonstravam a reação da sociedade brasileira: o apoio ao SUS crescia em todos os segmentos (53,1% em média), com destaque para os mais ricos, que "descobriram" o SUS e aumentaram seu apoio em 98,4%. A importância dada à ciência cresceu em média 47%, em especial, entre pessoas negras (68,6%) e da classe C (61,7%). Os entrevistados manifestaram grande interesse em pesquisar sites de universidades e institutos de pesquisa, em busca de artigos e informações confiáveis. E 62,1% se posicionaram contrários a cortes no orçamento da ciência e da pesquisa nas universidades e institutos.

¹ Bolsonaro deu 653 declarações falsas ou distorcidas sobre Covid-19 em seis meses de pandemia. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-deu-656-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-sobre-covid-19-em-seis-meses-de-pandemia/>. Acesso em: 11 set. 2020.

² Centro de Estudos Sociedade, Universidade e Ciência. Grupo de Pesquisa multidisciplinar cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sediado na Unifesp e composto por uma equipe de pesquisadores de todos os campi e de outras universidades, com histórico de pesquisa, inovação e gestão em Educação Superior e Ciência, Tecnologia e Inovação.

³ Aprovação ao Governo Bolsonaro cai para 19%, nível mais baixo desde que chegou ao Planalto. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-29/aprovacao-a-bolsonaro-cai-para-29-nivel-mais-baixo-desde-o-inicio-do-governo.html>. Acesso em: 29 set. 2021.

⁴ Covid-19 nos Estados Unidos: como a orientação política interfere na recusa à vacina. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/covid-19-estados-unidos-recusa-vacina/>. Acesso em: 18 set. 2021.

Os levantamentos seguintes naquele ano reafirmaram o crescimento da importância dada à ciência, cientistas, institutos de pesquisa e à vacina na percepção pública, com a ampliação, de maneira geral, do interesse e conhecimento da população brasileira do tema. Todavia, aquilo que se pôde intitular *onda pró-ciência*⁵ em reflexões anteriores, teve também suas nuances e dimensões contraditórias e de refluxo, como na vazante, relacionadas às ações e discursos políticos do governo e de seus apoiadores.

Em contraste à *onda* de reconhecimento da ciência, cientistas e institutos de pesquisas, levantamentos de opinião pública mostraram um elevado desconhecimento da população brasileira sobre o que fazem as universidades públicas e também percepções negativas de parcelas da sociedade sobre estas instituições. Os dados revelaram uma faceta importante do acirramento da guerra cultural que vem sendo travada na última década no país, na qual as universidades públicas tornaram-se alvo de ataques e difamação. Conforme amplamente debatido por Fiori, Fiori Arantes (2023), o avanço da ultradireita no senso comum foi construído sob a acusação de que a esquerda teria usado a política cultural e de educação para impor à sociedade brasileira uma visão de mundo *comunista* e de apoio a causas como as do feminismo, antirracismo, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Inersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink (LGBTQI+), ambientalismo e direitos indígenas (Fiori; Fiori Arantes, 2023). Nesta linha de ataque, Olavo de Carvalho (2014) buscava difundir sua versão de que, desde o final dos anos 1970, a esquerda teria desistido de uma ação revolucionária para a tomada do poder em favor da progressiva e silenciosa construção de sua hegemonia na sociedade brasileira por meio do *marxismo cultural*, inspirado em Gramsci, na Escola de Frankfurt e, localmente, tendo Paulo Freire como sua principal referência, difundindo-se nas escolas e nas universidades, nos meios de comunicação, no cinema, na música, no teatro, entre outras instituições.

Neste artigo, pretendemos discutir como a extrema-direita, lideranças e movimentos que a sustentaram no Brasil nos últimos anos, têm criado uma guerra aberta às universidades públicas, aos professores e à construção de autonomia por parte das novas gerações de

⁵ Interesse por ciência e por política cresce na pandemia no Brasil – Disponível em: <<https://souciencia.unifesp.br/destaques/sociedade-fala/interesse-por-ciencia-e-por-politica-cresce-na-pandemia-no-brasil>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

estudantes – autonomia de pensamento e em relação às suas famílias. Analisaremos como os discursos de ódio em relação às universidades passaram a defini-las como lugares de doutrinação, drogadição, perdição, balbúrdia, incluindo ataques às políticas de cotas e a crescente presença de negros, indígenas e pobres entre estudantes.

Diante desse cenário, realizamos estudos sobre percepção das universidades públicas no Brasil, no intuito de responder às seguintes perguntas: Como diferentes segmentos entendem o papel e atuação das universidades públicas no país? Como atuam e quais são as principais redes de propagação do negacionismo e do ataque ideológico às universidades?

As análises dos dados perseguiram duas hipóteses de pesquisa: a) há um movimento de desqualificação intencional (uma *guerra cultural* dirigida em especial no ataque às universidades, Fiori; Arantes, 2023) em curso no país, que precisa ser mais bem compreendido e estudado; e b) que este movimento atua aproveitando-se do grande desconhecimento de parte expressiva da sociedade sobre o papel das universidades (públicas, em especial) na produção de conhecimento e da ciência no país.

1 Metodologia

Após a revisão da literatura e de pesquisas prévias sobre percepção social da ciência, cientistas e universidades no Brasil, foram realizados levantamentos nacionais sobre a percepção pública, grupos focais e análises de redes sociais digitais sobre o tema. Os diferentes procedimentos metodológicos consideraram os princípios de respeito à autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça, bem como as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais em cada caso. Em todos os casos foi prezada a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou comunidades.

Para os levantamentos nacionais de opinião pública, estabeleceu-se uma parceria com um Instituto de Pesquisa para a coleta de dados, com a inserção de perguntas específicas em enquetes nacionais realizadas sistematicamente, via pesquisa telefônica (método *Cati*, *Computer-Assisted Telephone Interview* – *Entrevista Telefônica Assistida por Computador*, em

que há uma interface humana na condução da pesquisa), com aplicação de questionário estruturado a amostras de pessoas representativas da população brasileira. As entrevistas foram realizadas em 5 rodadas, entre agosto de 2021 e julho de 2022, com bases de 1.200 (mil e duzentos) a 1.500 (mil e quinhentos) respondentes, entre homens e mulheres residentes em todas as regiões do país, com idade igual ou superior a 16 anos. A segmentação de entrevistados se deu por gênero, idade, raça/cor, região, escolaridade, classe, renda, religião, tipo de município e posição política (a favor ou contra o governo e como o avaliam). Com grau de confiança de 95% e margem de erro amostral máxima prevista de aproximadamente 2.85% para mais ou para menos, as amostras seguiram cotas variáveis, segundo distribuição da população por região e com proporções definidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) nos anos de 2018 e 2021 e no Censo Demográfico (Censo) de 2010, vinculado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As pesquisas trataram sobre percepção e relação com ciência, cientistas e universidades públicas, acesso a fontes de informação e divulgação científicas, demandas da sociedade para a ciência e universidades, a pandemia e os desafios atuais do país, e incluíram a coleta de dados de série histórica de enquetes sobre o tema no Brasil.

A partir da análise dos primeiros resultados, foram identificados alguns perfis, tais como: a) apoiadores do governo Bolsonaro não interessados em ciência e que desvalorizam as universidades públicas; b) apoiadores do governo Bolsonaro com opiniões pró-ciência; c) críticos do governo Bolsonaro e a favor da ciência e das universidades públicas; d) mas também críticos daquele governo que se manifestaram desinteressados em ciência e/ou com percepção negativa das universidades públicas. Com base nestes perfis, foram realizadas duas sessões de Grupos Focais, que permitiram a observação do comportamento de diferentes segmentos em relação à ciência e às universidades no Brasil. Essas sessões foram realizadas também em parceria com o Instituto de Pesquisa, em duas sessões virtuais de conversa mediada, cada uma com duração de 100 (cem) a 130 (cento e trinta) minutos, que contaram com 7 participantes, recrutados em todas as regiões do país, com idade superior a 25 anos, de classes B e C, com ensino médio completo e/ou incompleto, e posicionamento pró e contra o governo Bolsonaro. Realizados em outubro e dezembro de 2021, o primeiro grupo envolvia

pessoas interessadas em ciência, sites de universidades/institutos e artigos sobre ciência, e o segundo foi composto por pessoas com opinião adversa e negativa sobre as universidades públicas. Em ambos os casos, foi incentivada a exposição de argumentos, motivações, justificativas, para compreender melhor as características sociais e os argumentos que formam as suas visões sobre as universidades e a pesquisa científica, bem como as fontes de informação que acessam e a forma como avaliam sua validade e veracidade.

Para o aprofundamento de análises sobre as estratégias de comunicação dos atores e movimentos que disseminam narrativas e produção visual (e memética) de ataques difamatórios às universidades públicas, a pesquisa também se dedicou à análise das redes sociais digitais. Em parceria com Laboratório de Pesquisas vinculado a uma universidade pública federal, foram realizadas atividades de capacitação e apropriação para o uso de ferramentas (softwares) para coleta de dados em redes sociais digitais, seguindo uma abordagem perspectivista, na qual os aspectos temporais são fundamentais para definir a evolução dos sentidos que uma opinião ou pensamento são fabricados nas redes (Malini, 2016).

A partir do exercício de coleta de dados preliminares sobre o tema amplo da Educação Superior, foram elencados termos de busca associados à conotação depreciativa das universidades públicas, tais como *Balbúrdia*, *Doutrinação*, *Fake News*, *Comunismo*, *Feminismo*, entre outros. Foram utilizados como filtros para recorte dos resultados: publicações em língua portuguesa, com maior quantidade de reações (plataforma *Facebook*) e quantidade total de interações (plataforma *Instagram*) e no *Twitter* (postagens em destaque nos *trending topics*), durante o período compreendido entre janeiro de 2018 e dezembro de 2021.

Com base no acúmulo dos estudos realizados, foi elaborado um protocolo para organização dos dados coletados, contemplando a descrição do termo de pesquisa, período a que se refere a coleta, plataforma utilizada, número de publicações, quantidade de interações e períodos de pico. Para cada publicação, foram registrados o perfil emissor, o número de interações, o texto principal, a imagem associada, o link de acesso e, eventualmente, comentários sobre a postagem.

A sistematização dos dados obtidos permitiu elaborar um panorama sobre as principais tendências discursivas e visuais utilizadas para o ataque às universidades nas redes pesquisadas, a partir do qual foram elencados casos relevantes que apresentamos a seguir.

2 A opinião pública: entre a ignorância e a desinformação

O levantamento nacional de opinião pública realizado em outubro de 2021 demonstrou que 36,1% dos entrevistados não sabem o que é feito nas universidades públicas no Brasil. Esse percentual é maior (40-42%) quando se trata da população de menor renda e menor escolaridade. É ainda mais elevado entre os respondentes em idade potencialmente universitária (de 16 a 29 anos), com um alto grau de desconhecimento sobre o que realizam as universidades públicas (42,2%). O percentual cai um pouco entre os mais ricos (acima de 6 salários-mínimos, SM) e com ensino superior, no entanto, o desconhecimento ainda é citado por 23-25%.

Nas respostas espontâneas (não estimuladas) obtidas na pesquisa, pouco mais da metade dos respondentes (53%) expressou percepções positivas sobre o que é feito nas universidades, destacando-se ensino/formação (22,7%) e pesquisa/ciência (15,9%) entre os termos mais citados. Todavia, foram captadas na pesquisa parcelas relevantes da população (apesar de minoritárias) com respostas negativas sobre a atuação das universidades, entre as quais foram identificadas as expressões “*balbúrdia*” (8,2%), “*doutrinação*” (7,9%) e *má qualidade* (4,9%), como termos mais recorrentes.

Esses dados permitem afirmar que as visões sobre as universidades públicas refletem a polarização política da sociedade brasileira. No levantamento de opinião seguinte, realizado entre 29 de novembro e 02 de dezembro de 2021, o banco de respostas espontâneas nos permitiu formular questões dirigidas de múltipla escolha, adotando as palavras mais citadas como referência, refinando e consolidando o resultado de percepção pública sobre as universidades. Quando questionados sobre *O que você acha que se faz nas universidades públicas brasileiras, baseado no seu conhecimento ou no que ouviu falar?* Os entrevistados poderiam escolher até 3 características das universidades, baseadas em uma lista pré-

determinada de 10 qualidades (positivas ou negativas), que foram definidas a partir da pesquisa espontânea anterior. Essa nova pesquisa permitiu visualizar com maior clareza os perfis dos grupos de percepção e destacá-los.

Entre os respondentes críticos ao governo do então presidente Bolsonaro (que avaliavam o governo, naquele instante, como péssimo ou ruim), 69,2% consideram a pesquisa científica e 47,5% o ensino de qualidade, como as atividades definidoras das universidades públicas. Inversamente, entre os respondentes que avaliavam o governo Bolsonaro como bom ou ótimo, um em cada três apontou espontaneamente que a principal ação das universidades seria a *doutrinação* (ideológica, partidária, comunista, de gênero, entre outras). A doutrinação ideológica foi considerada a característica mais marcante da universidade pública por 31,3% dos entrevistados pró-governo Bolsonaro, ante 5,8% dos críticos ao governo. A chamada *balbúrdia* foi apontada como característica da universidade pública por 26,7% dos pró-governo, e por 6,5% pelos críticos a ele.

A pesquisa revela que a opinião pública sobre as universidades públicas é bastante distinta entre respondentes que apoiavam o governo federal (que avaliaram o governo como ótimo ou bom) e críticos do governo Bolsonaro (que o avaliaram como ruim ou péssimo). Enquanto os críticos do governo retrataram a universidade pública como espaço principalmente de ensino qualificado e de pesquisa científica, os apoiadores consideram que estas instituições são lugares de *doutrinação, esquerdismo, politicagem, bebedeira, drogas, balbúrdia e pouco estudo*.

Com base nessas constatações, em busca por compreender mais profundamente a percepção de sujeitos adversos e com opiniões preponderantemente negativas das universidades públicas, destacamos três casos para análise das redes sociais digitais, que estão relacionados aos temas/termos: doutrinação, balbúrdia e política de cotas. Ainda com esse mesmo intuito de aprofundamento da compreensão dos discursos, realizamos os grupos focais, cujas análises serão relatadas a seguir.

3 Doutrinação

Conforme descrito anteriormente, o termo *doutrinação* foi um dos destaques das respostas espontâneas com conotação negativa nas pesquisas de opinião sobre as universidades públicas. Durante a campanha para o segundo turno das eleições presidenciais de 2018, como reportado na mídia⁶, o então candidato Bolsonaro incluía sistematicamente em seus discursos a denúncia a uma suposta *doutrinação* presente na educação brasileira. Após sua eleição, o termo inclusive passou a constar textualmente em seu Plano de Governo:

Conteúdo e método de ensino precisam ser mudados. Mais matemática, ciências e português, sem doutrinação e sexualização precoce. Além disso, a prioridade inicial precisa ser a educação básica e o Ensino Médio/Técnico”. Ainda no plano, constava ser necessário “expurgar a ideologia de Paulo Freire (Bolsonaro, 2022, s. p.).

Durante o primeiro ano de sua gestão, o ex-presidente reforçou por diversas ocasiões uma imagem negativa sobre as universidades públicas brasileiras, chegando a afirmar que nelas *se faz tudo, menos estudar*⁷.

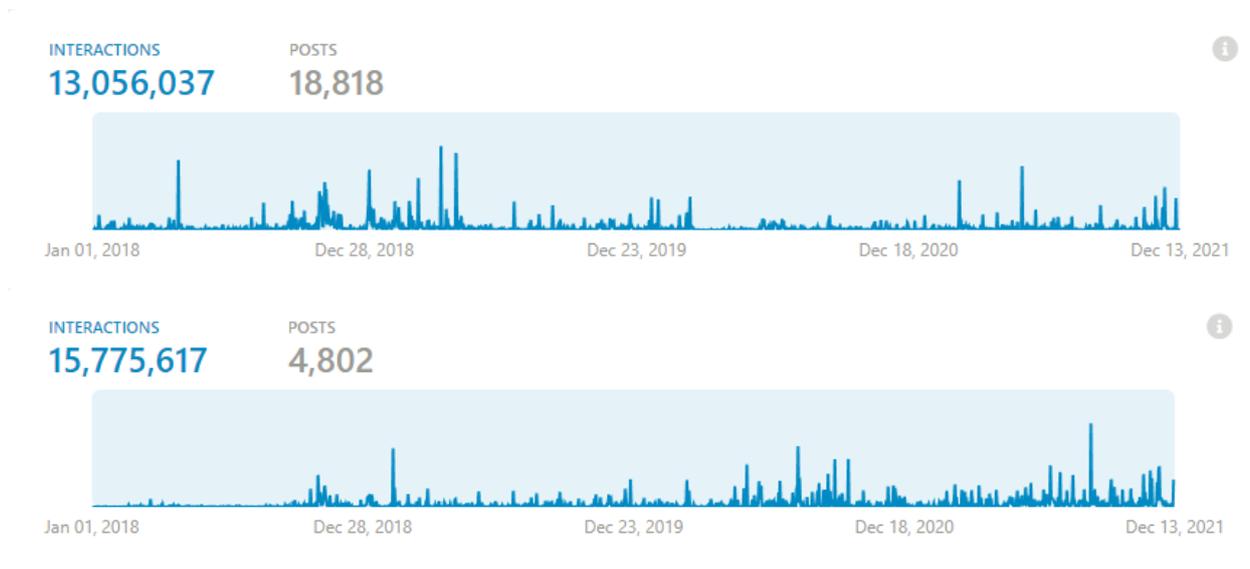
Com base nesses dados, definiu-se refinar a busca na pesquisa pela utilização do termo *doutrinação* relacionado às universidades públicas nas redes sociais digitais *Facebook* e *Instagram*, através do programa *CrowdTangle*. O período determinado entre janeiro de 2018 e dezembro de 2021 teve o intuito de encontrar incidências do termo durante o período eleitoral e ao longo do primeiro ano de gestão do governo Bolsonaro, além de contemplar os dois anos mais críticos da pandemia de Covid-19.

Nesse período, foram identificadas 18.818 (dezoito mil e oitocentos e dezoito) publicações com 13.056.037 (treze mil e cinquenta e seis e trinta e sete) interações no *Facebook* e 4.802 (quatro mil e oitocentos e dois) publicações com 15.775.617 (quinze mil e setecentos e setenta e cinco e seiscentos e dezessete) interações no *Instagram*, conforme figura abaixo.

⁶ Em transmissão ao vivo, Bolsonaro diz que universidade não é lugar de protesto. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/10/em-transmissao-ao-vivo-bolsonaro-diz-que-universidade-nao-e-lugar-de-protesto.shtml>. Acesso em: 27 out. 2018.

⁷ Em evento no Tocantins, Jair Bolsonaro diz que aluno de universidades brasileiras faz tudo menos estudar. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/12/12/em-evento-no-tocantins-jair-bolsonaro-diz-que-aluno-de-universidades-brasileiras-faz-tudo-menos-estudar.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2019.

Figura 1 – Linha do tempo de 2018 a 2021 nas plataformas *Facebook* e *Instagram*, coleta com as palavras "doutrinação" e "universidade" entre janeiro de 2018 e dezembro de 2021.



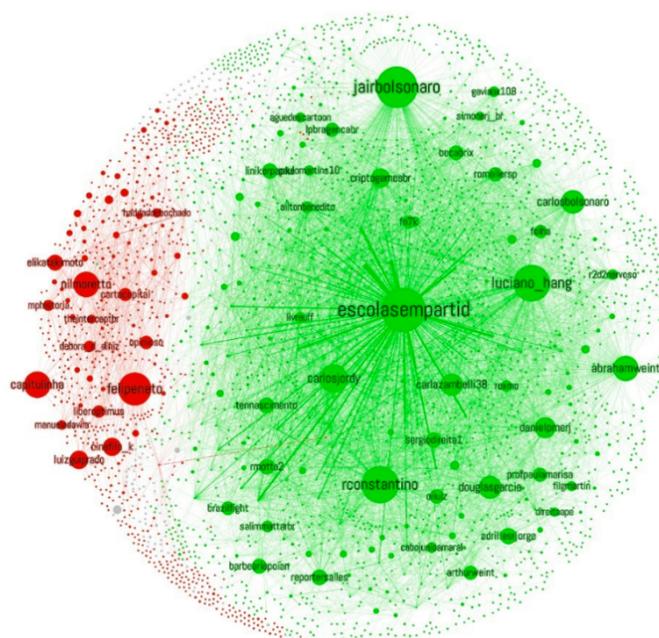
Fonte: *CrowdTangle*/Centro SoU_Ciência

A visualização da distribuição das incidências do termo *doutrinação* com referência às universidades revela que não se trata de um evento concentrado, mas de uma pauta que esteve presente na ordem do dia das redes sociais digitais ao longo do período. Os maiores picos aconteceram no segundo semestre de 2018, coincidindo com a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro à presidência, e no primeiro semestre de 2019, quando o próprio governo federal assumiu o discurso de investidas contra as universidades e escolas públicas, acusando-as de instrumentalização para fins políticos. Como já havia apontado Roberto Leher, nos primeiros meses de mandato, tratava-se de uma cruzada contra a educação pública, a universidade, a ciência e a cultura, alinhada a interesses de uma direita ultraliberal para quem a difusão de um fenômeno negacionista, fundamentalista, antissecularista e hostil aos valores do Iluminismo e aos direitos humanos serve melhor do que o pensamento crítico (Leher, 2019).

A coleta complementar de dados relacionados ao tema, realizada na plataforma *Twitter* para o mesmo período, permite identificar os principais perfis emissores de mensagens e suas redes de interação, evidenciando o protagonismo do perfil do Movimento Escola Sem Partido, movimento político que defende uma agenda conservadora para a educação brasileira.

Articulado por políticos de extrema-direita, que defendem a ideologia ultraliberal e o fundamentalismo religioso de evangélicos neopentecostais e da Renovação Carismática Católica, o movimento ganhou maior notoriedade a partir de 2015, com projetos de lei apresentados e debatidos em câmaras municipais, assembleias legislativas e no Congresso Nacional. Entre as movimentações promovidas por parlamentares defensores da plataforma, destacou-se a campanha para que estudantes e familiares denunciassem professores que promovessem *doutrinação ideológica*, comunismo e ideologia de gênero⁸.

Figura 2 – Grapho sobre interações do *Twitter*⁹



Fonte: Centro SoU_Ciência

A segunda dimensão de tratamento dos dados, com abordagem qualitativa, prosseguiu com a análise das dez postagens mais significativas (com maior número de interações), buscando identificar elementos discursivos e estéticos que contribuem para a construção da

⁸ Educação, o primeiro *front* da guerra cultural do Governo Bolsonaro: Adepta do Escola sem Partido, futura gestão cogita revisionismo sobre a ditadura, além de incentivar vigilância a professores para *expurgar Paulo Freire* das escolas – Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/01/politica/1541112164_074588.html. Acesso em: 05 nov. 2018.

⁹ Construído com as palavras-busca: doutrinação and educação or ensino or universidades para o período de janeiro de 2018 a dezembro de 2021.

percepção pública e do imaginário sobre as universidades públicas. A postagem com maior número de interações foi um *meme* do empresário Luciano Hang, apoiador declarado do presidente Bolsonaro, que recebeu 103 mil *curtidas*.

Figura 3 – Meme sobre universidades federais



Fonte: Perfil de Luciano Hang no *Instagram*

A fotomontagem, simulando um *antes e depois* de ingressar em universidade federal, traz como personagem o próprio Hang. Na primeira imagem, trajando terno verde e gravata amarela, reafirmando a identidade patriótica, o pretenso ingressante recebe os aplausos de seus funcionários paramentados com coroas da estátua da liberdade pela conquista. Na segunda, o empresário apresenta um *crossdressing*, vestido de tailleur feminino vermelho, broche do Partido dos Trabalhadores e com uma peruca, dando a entender que durante a permanência nos três semestres na universidade federal teria passado por um processo de mudança de posicionamento ideológico à esquerda e de transição de gênero.

Este tipo de regime discursivo e visual, com slogans textuais e visuais rápidos e diretos, apelo autoritário e moralista, filia-se a uma tendência ampla das estéticas de combate que integra a estratégia de comunicação bolsonarista, conforme apontado por estudos sobre a utilização dos memes na disputa simbólica e política (Arantes *et al.*, 2021).

Sobre a mesma questão, em sessão de grupo focal realizada em dezembro de 2021 com pessoas autodeclaradas *adversas à universidade pública*, foi incluída esta mesma figura entre os materiais de apoio para a discussão, suscitando entre os participantes comentários como:

As pessoas entram lá, daqui a pouco, querendo estudar, e daqui a pouco está mudado e pensando só em política e de esquerda.” (Sessão Grupo Focal, homem, branco, 29 anos, classe B, ensino médio completo).

Isso com certeza é verdade, falta de vergonha. (Sessão Grupo Focal, mulher, branca, 37 anos, classe B, ensino médio completo).

Tu sai de lá quase parente do Lula, esquerda total, levantando bandeira e fazendo a maior onda pela rua. (Sessão Grupo Focal, homem, branco, 29 anos, classe B, ensino médio completo).

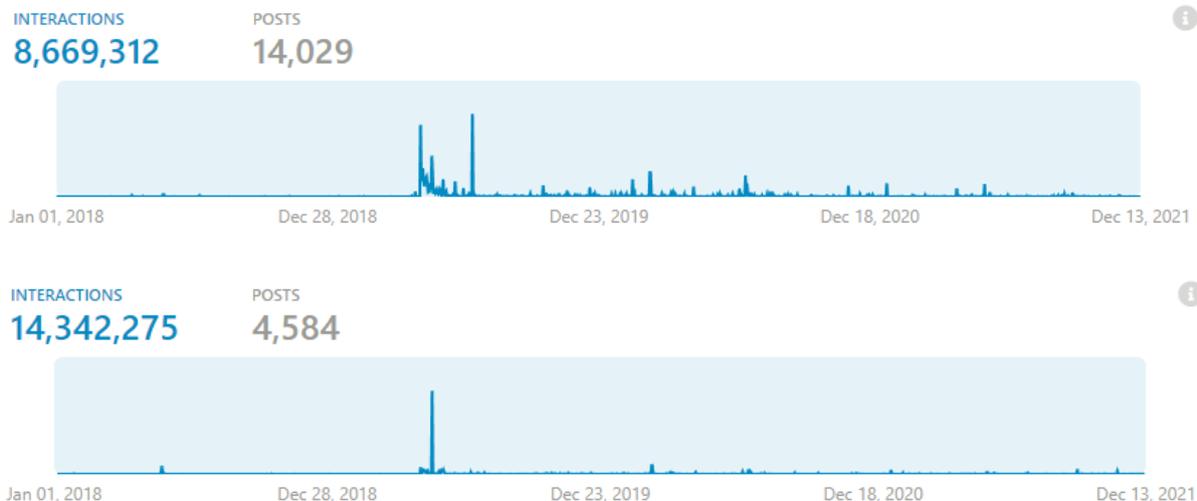
4 Balbúrdia

A menção ao termo *balbúrdia* como percepção negativa sobre as universidades públicas também teve uma frequência expressiva entre as respostas coletadas em levantamento nacional de opinião pública realizado em dezembro de 2021. A popularização do termo no debate público tem relação, como evidenciam pesquisas subsequentes descritas a seguir, com o pronunciamento do então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, em 30 de abril de 2019, para justificar cortes no orçamento das universidades federais, conforme matéria publicada pelo Estadão, de autoria Agostini¹⁰. Na época, o então ministro buscava criar uma cortina de fumaça para minimizar os cortes de 30% nas verbas inicialmente em três Universidades Federais, Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade de Brasília (UnB) e depois para as 69 (sessenta e nove) IFES, 22 (vinte e duas) Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais, 644 (seiscentos e quarenta e quatro) Institutos Federais de Educação (IF's), 2 Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) e do Colégio Pedro II.

A coleta de dados nas principais redes sociais digitais (*Facebook* e *Instagram*) durante o período compreendido entre janeiro de 2018 e dezembro de 2021 confirmou a hipótese: os picos de postagens com o termo encontram-se em abril de 2019 e nos meses subsequentes, conforme figura abaixo.

¹⁰ MEC cortará verba de universidade por *balbúrdia* e já enquadra UnB, UFF e UFBA – Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba>. Acesso em: 30 abr. 2019.

Figura 4 – Linha do tempo de 2018 a 2021 nas plataformas *Facebook* e *Instagram*¹¹



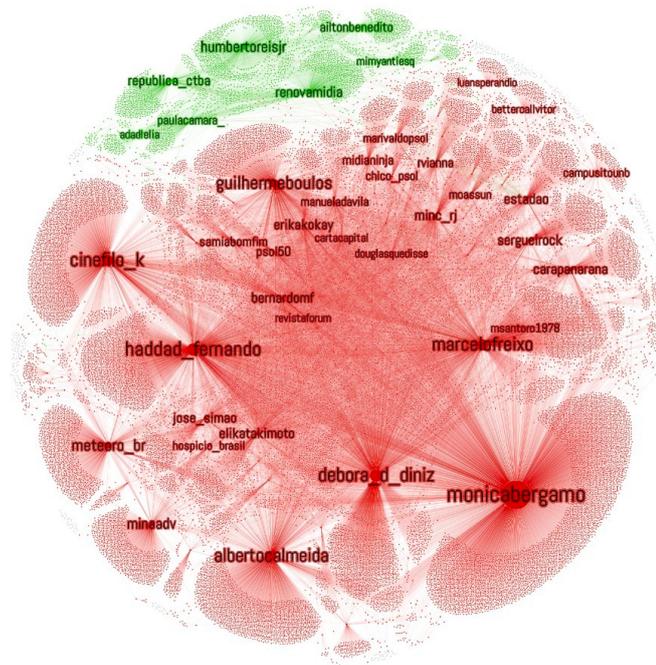
Fonte: *CrowdTangle*/Centro SoU_Ciência

A coleta complementar de dados relacionados ao tema, realizada na plataforma *Twitter* para o mesmo período, permite identificar os principais perfis emissores de mensagens e suas redes de interação, apontando, no entanto, para um fenômeno surpreendente, de predominância dos perfis de oposição ao Governo Bolsonaro:

Figura 5 – *Grapho* sobre interações do *Twitter* construído com a palavras-busca *balbúrdia* ¹²

¹¹ Coleta com as palavras-busca: "balbúrdia" and "educação or ensino or universidade", entre janeiro de 2018 e dezembro de 2021.

¹² Período 29 de abril de 2019 (data do pronunciamento de Weintraub) a 08 de maio de 2019.



Fonte: Centro SoU_Ciência

Seguindo o método utilizado no caso anterior, sobre *doutrinação*, a pesquisa foi direcionada para uma abordagem qualitativa, buscando analisar as postagens mais significativas (com maior número de interações). Excluídas as publicações que tratavam somente de noticiar as declarações de Weintraub, os perfis que se utilizaram da palavra *balbúrdia* em suas postagens são em sua maioria páginas de mídia independente, com destaque para Quebrando o Tabu, Rede Brasil Atual e Mídia Ninja, com os maiores números de reações em diversas postagens contendo o termo, porém tratando sobre a divulgação de pesquisas científicas realizadas nas universidades públicas brasileiras.

A reação em cadeia se deu através da adoção do marcador #MinhaPesquisaMinhaBalburdia por centenas de pesquisadores e pesquisadoras ao divulgarem seus trabalhos concluídos ou em andamento nas redes.

Figura 6 – Card com divulgação de pesquisa realizada em universidade federal publicado com o marcador #MinhaPesquisaMinhaBalburdia



Fonte: Perfil da União Nacional dos Estudantes no *Twitter*.

Nessas postagens, a palavra *balbúrdia* passou por um processo de ressignificação e não mais representa o seu sentido original, tendo ganhado força um significado de defesa das universidades e da divulgação científica. O novo uso relaciona ironicamente as pesquisas brasileiras às *verdadeiras balbúrdias* realizadas nas instituições públicas de ensino superior. Um episódio que pode ser compreendido como *détournement* - termo desenvolvido pelo pensador Guy Debord e o movimento Situacionista Internacional nos anos 50; refere-se à subversão de uma obra original em algo novo operando uma inversão de sentido, a ponto de jogá-los contra seus criadores¹³.

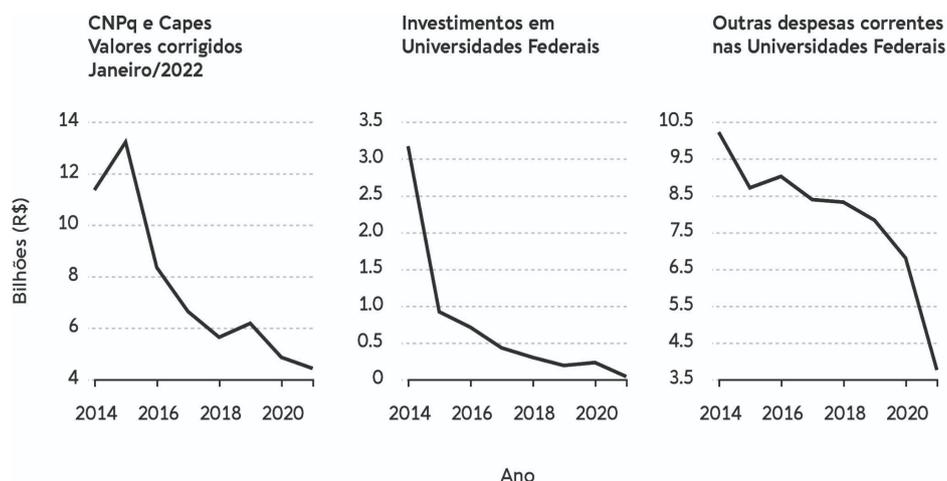
Com esse novo sentido, o termo está associado às movimentações virtuais com as hashtags #NaRuaPelaEducação, #TsunamiDaEducação, #TiraMãoDoMeuIF, #TiraAMãodaFederal, que se somaram às manifestações ocorridas no período, com ampla adesão de professores, estudantes e familiares, em praças, ruas e avenidas das capitais de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal, além de mais de 200 (duzentas) cidades do interior do país, em 15 e 30 de maio e 13 de agosto de 2019 – que foram as maiores manifestações de rua contra o governo Bolsonaro em todo o seu mandato.

¹³ *Mode d'emploi du détournement* publicado originalmente na revista *Les Lèvres Nues* n. 8 1956, incluído posteriormente na Antologia da internacional Situacionista. Disponível em (versão inglesa): <http://bopsecrets.org/SI/detourn.htm>.

A apropriação e ressignificação do termo, na disputa por narrativas no debate público, tornou o caso muito interessante para o estudo, apontando como os movimentos em defesa das universidades e da educação podem criar estratégias fortes para enfrentar os ataques. O *grapho* que realizamos a partir do *Twitter* revelou esse *efeito bumerangue* no ataque às universidades e a inversão no uso do termo balbúrdia para atacar a condução do próprio Governo Federal na gestão Bolsonaro.

Isso não impediu, contudo, que no desenrolar dos acontecimentos, o governo seguisse implementando os cortes orçamentários durante toda a gestão, debilitando fortemente o sistema público de educação superior, pesquisa, ciência e tecnologia.

Figura 7 – Cortes implementados pelo Governo Bolsonaro no orçamento das Universidades Federais, da CAPES e do CNPq.



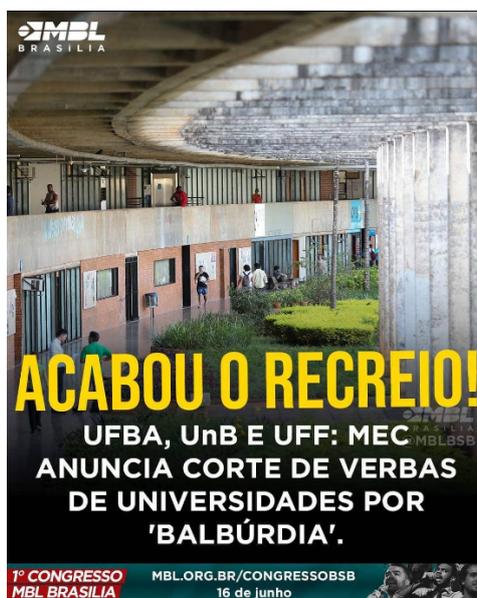
Fonte: SIOP; IPEADATA; Unidade Orçamentária: 26291 - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior +93265 - Recursos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (26291); Unidade Orçamentária: 24201 - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico + 93186 - Recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (24201); Censo da Educação Superior do Ministério da Educação (MEC) and the Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)

Fonte: Painel do Financiamento/SoU_Ciência

Além disso, é fundamental analisar também que, na disputa de narrativas, o sentido ressignificado do termo em defesa das universidades não atingiu determinados segmentos da sociedade. Vale retomar, conforme indicado nos levantamentos nacionais de opinião pública,

que entre as pessoas que afirmaram que as universidades públicas eram lugar de balbúrdia, destacam-se principalmente homens, brancos, com menor escolaridade e menor renda, evangélicos e que aprovavam o governo Bolsonaro.

Figura 8 – Meme sobre cortes no orçamento das universidades federais



Fonte: Perfil de MBL no *Instagram*/*Facebook*.

Dando continuidade aos estudos no tema, durante sessão de grupo focal realizada em dezembro de 2021 com pessoas autodeclaradas *adversas à universidade pública*, o meme acima, produzido pelo MBL em defesa dos cortes promovidos pelo governo no orçamento das universidades federais, foi submetido ao debate, dando margem às seguintes falas:

Eu acredito que o ensino público, ele já foi bom aqui no nosso Brasil. Mas hoje em dia virou uma balbúrdia, hoje em dia o ensino público virou local de ideologias (Sessão de grupo focal, homem, branco, 31 anos, classe C, ensino médio incompleto).

Acho que tem que cortar mesmo, tá muito bagunçado, então não adianta ficar investindo numa coisa que não tá funcionando” (Sessão de grupo focal, homem, branco, 31 anos, classe C, ensino médio incompleto).

Também acho que deveria ter cortado há um tempo, porque senão as pessoas não procuram dar valor. (Sessão de grupo focal, mulher, branca, 33 anos, classe B, ensino médio completo).

Eu sou a favor da privatização em relação a faculdade, eu acho que a gente iria melhorar 100% o ensino, tá entendendo, ia acabar com essa anarquia.” (Sessão de grupo focal, homem, pardo, 28 anos, classe C, ensino médio incompleto).

A autodeclaração de uma visão *adversa às universidades públicas*, utilizada para a seleção de participantes para a sessão de grupo focal, tem relação com a base da elaboração ideológica da comunicação bolsonarista. No sistema de crenças da retórica do ódio (Rocha, 2021) encontra-se o pressuposto de que o ensino superior cumpre papel importante nos processos de relativização das noções de família, arte, educação, lei e política. Sob o prisma da eficácia simbólica, uma importante evidência do êxito da estratégia de difamação e descredibilização das universidades, engendrada por essa ofensiva obscurantista, pôde ser observada durante uma das sessões de grupo focal. Ao ser exposta a informação de que as universidades públicas brasileiras estavam bem-posicionadas em relação aos demais países da América Latina, em rankings internacionais comparativos (*Times Higher Education*), tais dados de fontes confiáveis foram rechaçados e considerados falsos pelos participantes.

Todavia, vale destacar que após assistirem um vídeo institucional da Unifesp, realizado em homenagem ao dia do pesquisador, apresentando a universidade e seus laboratórios (Unifesp, 2021), este causou impacto positivo, levando alguns participantes a expressar um movimento de reavaliação de sua opinião adversa em relação às universidades públicas. Além disso, grande parte das falas reiteram a narrativa da *universidade degenerada* e, com base nela, participantes do grupo defendem e apoiam os cortes de recursos das universidades públicas, a sua privatização e até mesmo o fechamento dessas instituições. Para eles, a universidade pública encarna, em sua fabulação regressiva, o mal absoluto, um *caldeirão de hedonistas e pederastas perigosos* que devem ser banidos e suas instituições extintas ou privatizadas, para que sejam limpas moral, ética e fisicamente¹⁴, conforme o site Sou Ciência (2021).

5 Cotas

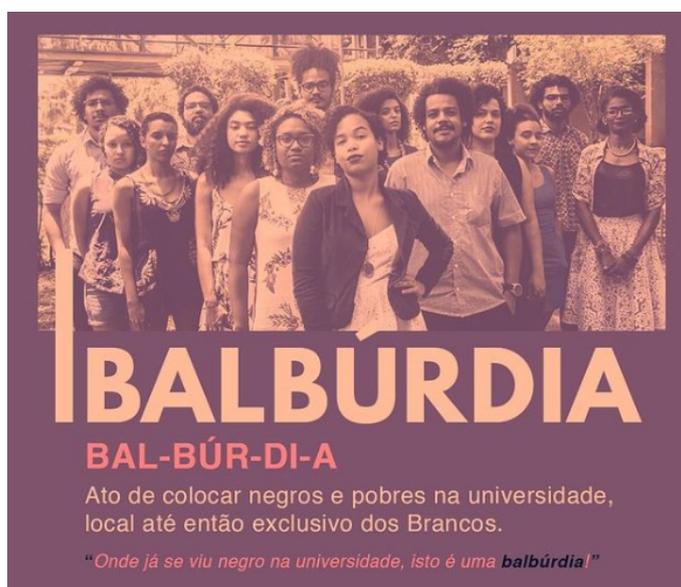
Ao avançarmos nas análises sobre a percepção e o posicionamento de segmentos sociais que incorporaram os termos *doutrinação* e *balbúrdia* em seu léxico discursivo sobre as

¹⁴ O ódio às universidades públicas: Balbúrdia real ou imaginada estigmatiza instituições públicas para parcela da população. Disponível em: <https://souciencia.unifesp.br/opiniao/o-odio-as-universidades-publicas>. Acesso em: 14 dez. 2021.

universidades públicas, identificamos também a sua intersecção com outro tema, a princípio tangencial: a questão das cotas raciais e sociais para ingresso nas universidades, implementadas pelas políticas afirmativas. O tema emergiu em respostas dos levantamentos nacionais de opinião pública, nos monitoramentos das redes sociais digitais, e teve destaque também em grupo focal sobre o papel das universidades públicas.

Entre os materiais submetidos à apreciação dos participantes de grupo focal, encontrava-se o card produzido pelo Levante Popular da Juventude, que na lógica do *détournement* descrito anteriormente, associa à *balbúrdia* não apenas a produção de conhecimento, mas também a ampliação e democratização do acesso à universidade.

Figura 9 – Meme sobre cotas nas universidades



Fonte: Perfil de Levante Popular da Juventude no *Facebook*.

Entre os comentários dos participantes do grupo focal, formado apenas por pessoas que se identificavam como adversas às universidades públicas, encontramos as seguintes falas:

Eu acho que deveria dar oportunidade para todos iguais, independente de cor ou raça, ou etnia, entendeu, deveria, tipo assim, se você tá concorrendo por uma vaga na universidade, no emprego, numa empresa, seja lá onde for.” (*Sessão Grupo Focal*, homem, pardo, 28 anos, classe C, ensino médio incompleto).

Eu sou muito contra cotas, eu acho que a partir do momento que tu tá fazendo as cotas, eu acho que tu já tá dizendo que a pessoa é diferente de ti. (*Sessão Grupo Focal*, homem, branco, 29 anos, classe B, ensino médio completo).

Sou contra cotas, até porque eu acho que a cor da pele não vai influenciar em nada, se todo mundo estudar, todo mundo tem a mesma capacidade de passar (*Sessão Grupo Focal*, mulher, parda, 31 anos, classe B, ensino médio incompleto).

Ao confrontar as falas dos participantes do grupo focal com os dados do levantamento nacional de opinião pública, realizado em agosto de 2021, identificamos que 44,4% dos entrevistados diziam ser a favor da renovação da política de cotas, enquanto 18,9% declaravam ser contrários. Vale notar que o perfil dos entrevistados que aprovavam a renovação da política de cotas em sua maioria era formado por pessoas negras (51,2%), moradores das regiões Norte (57,5%) e Nordeste do país (48%), com ensino médio (48,5%) ou superior (50,5%) e renda média entre 3 e 5 salários mínimos (52,1%). Não coincidentemente, trata-se do perfil similar aos segmentos sociais favorecidos pela própria política afirmativa.

Já os entrevistados que declararam ser contra a renovação das cotas formam parcelas expressivas entre os que apoiavam, naquele momento, o governo Bolsonaro (35%) e os de maior renda (de 5 ou mais SM, 37,4%). Ou seja, segmentos sociais não beneficiados atualmente pelas políticas de cotas, e que a consideram uma interferência no processo de seleção, que deveria seguir exclusivamente critérios de *mérito/desempenho*, os quais tendem a favorecer os mais ricos e que estudaram em escolas privadas, como revela o relatório de Avaliação das Políticas de Ação Afirmativa no Ensino Superior no Brasil (Carreira, 2022).

Segundo este estudo, a variação percentual do acesso à universidade por estudantes vindos de escolas públicas, pretos, pardos, indígenas e de baixa renda teve aumento de 205% entre 2013 e 2019. Os percentuais totais favoráveis à renovação das cotas mostram que a política afirmativa no ensino superior público alcançou seu público-alvo, que reconhece a sua importância. Contudo, chama a atenção que aqueles que são contra a renovação de política de cotas somam 18,9%, mas aqueles que declararam não saber opinar sobre tema constituem uma parcela ainda maior (21,4%). Destaca-se que entre essas pessoas estão principalmente os respondentes de baixa renda, com até um salário mínimo (32%), com ensino fundamental (31,5%) e indígenas (33%).

Cabe lembrar que pessoas com renda igual ou até um salário mínimo e meio, e indígenas têm direito às cotas nas universidades, ou seja, são potenciais beneficiários da política afirmativa. Portanto, os dados apontam a importância de se ampliar o debate de cotas para essas parcelas expressivas da sociedade. O acesso à informação pela população, especialmente aquela potencialmente beneficiada, é fundamental para a defesa da política de cotas, que tem gerado transformação relevante nas universidades brasileiras, ampliando a diversidade das pessoas que a elas acessam e nelas permanecem, formando uma nova camada intelectual e científica no país, de origem popular, indígena e afro-brasileira e com outras referências sociais, simbólicas, epistemológicas e ancestrais.

6 Conclusão

Investigar a percepção pública sobre as universidades em nosso país nos mostrou, em primeiro lugar, que há um grande desconhecimento sobre elas por parcelas expressivas da população. Apesar da importante expansão das universidades federais ocorrida nas últimas duas décadas, com a criação de novos campi, e a ampliação do acesso da população via políticas afirmativas, ainda é preciso avançar para que sejam efetivamente reconhecidas como conquistas democráticas. Os últimos anos, todavia, caminharam em sentido oposto à democratização da educação, com cortes de recursos e ataques difamatórios perpetrados por redes negacionistas, apoiadas pelo governo Bolsonaro.

Para reagirmos aos ataques e retrocessos que vivemos nos últimos anos (e que podem retornar no futuro), precisamos compreender o fenômeno; nosso foco voltou-se para as análises das narrativas de conotação negativa sobre as universidades públicas, que passaram a emergir de forma crescente no debate público.

Consideramos que o mergulho nas redes sociais digitais permitiu a visualização de modos de atuação de perfis identificados com o propósito de atacar e desqualificar as universidades públicas. A análise de seus argumentos e do léxico discursivo junto a um recorte da população que se autodeclarou favorável ao governo Bolsonaro nos permitiu estabelecer relações mais amplas, que correspondem a um determinado projeto de sociedade

antidemocrático e de extrema-direita, baseado em desinformação e ódio, que não se extingue automaticamente com o fim do ciclo da gestão Bolsonaro, pois seus porta-vozes e sua militância continuam a incidir por meio de outros espaços de comunicação e poder.

É fundamental construir estratégias para ampliar e aprofundar o diálogo e a relação entre ciência, universidades e sociedade, e fazer frente aos estragos causados pelo projeto de destruição e obscurantismo do governo bolsonarista e seus apoiadores. Apesar dos amplos esforços de pesquisadores/as e comunicadores/as dedicados ao avanço da divulgação científica serem importantes para este front de batalha, há que se investigar o enraizamento social do fenômeno para incidir nas "certezas" e mentalidades que foram criadas. O quadro é complexo, a crise é não apenas de comunicação, mas epistêmica, num quadro de pós-verdade, pseudociência, *alt-science* e narrativas falseadoras.

Buscar formas de denunciar e desarmar as instituições produtoras e disseminadoras de desinformação e de materiais ideológicos que servem ao projeto de crescimento do conservadorismo de ultradireita no Brasil é apenas o começo da reconstrução democrática no país. Teremos que ir além se quisermos reconquistar parcelas do povo brasileiro para um projeto justo, solidário, inclusivo e sustentável de país. Projeto do qual as universidades e a ciência deverão, sem dúvida, fazer parte, mas não sozinhas. É preciso encontrar um compasso, a confiança, a troca e o diálogo profundo com a nossa sociedade.

Referências

AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidade por *balbúrdia* e já enquadra UnB, UFF e UFBA. *Estadão*. Educação. Publicada em 30 abr. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba>. Acesso em: 30 abr. 2019.

ARANTES, Pedro Fiori Arantes; BARBOZA, Isabel; OKUMA, André; BOAS, Alexandre Vilas. *Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonarista: Armas discursivas e produção visual na vitória da extrema-direita em 2018*. *Revista Eco-Pós*, v. 24, ano 2, pp. 90–123, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27710>.

APROVAÇÃO ao Governo Bolsonaro cai para 19%, nível mais baixo desde que chegou ao Planalto. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-29/aprovacao-a-bolsonaro-cai-para-29-nivel-mais-baixo-desde-o-inicio-do-governo.html>. Acesso em: 29 set. 2021.

BOLSONARO, Jair Messias. *O caminho da prosperidade: proposta de Plano de Governo*. 2022. Disponível em:

https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf.

BOLSONARO deu 653 declarações falsas ou distorcidas sobre Covid-19 em seis meses de pandemia. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-deu-656-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-sobre-covid-19-em-seis-meses-de-pandemia/>. Acesso em: 11 set. 2020.

CARREIRA, Denise; SOUZA, Ana Lúcia Silva; TEIXEIRA, Jéssica, 2022. *A avaliação institucional no SINAES e a institucionalização da Lei de Cotas: desafios e potências*. Rio de Janeiro: UFRJ/LEPES/AÇÃO EDUCATIVA, 2022.

CARVALHO, Olavo. *A Nova Era e a Revolução Cultural*. Campinas: Vide Editorial, 4 ed., 2014.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*, São Paulo, Ubu Editora, 2022.

CESARINO, Letícia. *Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética*. Ilha, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021b.

CHIORO, A.; COSTA, A. M. A Reconstrução do SUS e a Luta por Direitos e Democracia. *Saúde em Debate*, v. 47, p. 5-10, 2023.

COVID-19 nos Estados Unidos: como a orientação política interfere na recusa à vacina. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/covid-19-estados-unidos-recusa-vacina/>. Acesso em: 18 set. 2021.

DOSSIÊ: Consequências do Bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil. *Revista Eletrônica De Educação*. Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 14, ano 1, e4563135, jan./dez. 2020.

DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109146, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236109146>.

DUARTE, Daniel Edler; BENETI, Pedro Rolo. Pela Ciência, contra os cientistas? Negacionismo e as disputas em torno das políticas de saúde durante a pandemia. In: DOSSIÊ, Covid-19 e Sociedade. *Sociologias* v. 24, ano 60, Maio/Ago 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18070337-120336>.

FIORI, Juliano; ARANTES, Pedro Fiori. (2023). *Brazil's Cultural Battleground: Public Universities and the New Right*. *Latin American Perspectives*, fev/2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0094582X221147594>.

LEHER, Roberto. A destruição da educação, da ciência e da cultura pelo governo Bolsonaro. *Le Monde Diplomatique*. E. 147. Brasil. 1 de out. 2019. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-destruicao-da-educacao-da-ciencia-e-da-cultura-pelo-governo-bolsonaro/>.

MALINI, Fábio. *Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede*. XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 7, p. 1-30, 2016. Disponível em: http://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf.

MALINI, Fábio. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, 34, n. 72, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210109>.

NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem: Ensaio sobre o bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

O ódio às universidades públicas: Balbúrdia real ou imaginada estigmatiza instituições públicas para parcela da população. *Sou Ciência*. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://souciencia.unifesp.br/opiniaio/o-odio-as-universidades-publicas>. Acesso em: 14 dez. 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. 1 ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SÍGOLO, Vanessa Moreira; PERCASSI, Jade; ARANTES, Pedro Fiori; SANO, Hironobu; MOURA, Maurício, et al. A onda pró-ciência em tempos de negacionismo: percepção da sociedade brasileira sobre ciência, cientistas e universidades na pandemia da Covid-19. *Cien Saude Colet* [periódico na internet] (2023/Abr).

UNIFESP. 8 de julho - *Dia Nacional da Ciência e do(a) Pesquisador(a) Científico(a)*. YouTube, 2021. Disponível em <https://youtu.be/4SiVCouYT64>.

Jade Percassi - Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

Cientista Social, mestre e doutora em Educação, pós-doutoranda no Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo.

E-mail: jade@alumni.usp.br

Vanessa Sígolo - Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

Cientista Social, bacharel em Relações Internacionais, mestre em Integração da América Latina, doutora em Sociologia e pós-doutoranda no Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo.

E-mail: vanessa.sigolo@alumni.usp.br

Pedro Arantes - Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

Professor associado da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade Federal de São Paulo e Coordenador do Centro de Estudos SoU_Ciência.

E-mail: pedro.arantes@unifesp.br

Maurício Moura - The Graduate School of Political Management – GSPM

Professor convidado e membro do *Board* da *Graduate School of Political Management* da *George Washington University* (Washington DC EUA).

E-mail: mjmoura@gwu.edu

Débora Foguel - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Professora Titular do Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: foguel@bioqmed.ufrj.br

Soraya Smali - Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Professora Titular da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo e Coordenadora do Centro de Estudos SoU_Ciência.

E-mail: ssmaili@unifesp.br

Arthur Chioro - Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Professor adjunto do Departamento de Medicina Preventiva, Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo.

E-mail: arthur.chioro@unifesp.br